

ORELHA DO LIVRO DA ÂNGELA

Era uma vez uma moça que andava triste pelos corredores da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Triste, um pouco abatida, um tanto brava, mas nunca desanimada de vez, nunca pensando em entregar os pontos. Bateu em minha porta e disse que precisava de um orientador para prosseguir seu curso de pós-graduação. Se tivesse me pedido dinheiro, uma prenda, um livro, um tempo, um conselho, um afago, teria sido mais fácil. Mas ela queria um orientador. Assim como quem quer um motivo para continuar a luta daquela hora. Pensei comigo: “um orientador deve orientar, não desorientar!”. Mas como eu podia orientar a moça sem saber sobre o que ela sabia? O “não” me teria sido mais fácil. Aliás, o “não” sempre é mais fácil. Mas o que seria do mundo se houvesse mais “nãos” do que “sins”? E num daqueles rompantes, algo irresponsáveis, mas quase sempre sábios e lúcidos, falei “sim”.

Para encurtar a história: fiz o que fazem as crianças, os professores sensíveis, os surfistas, os pescadores e os apaixonados de corpo e alma. Me deixei levar! Funcionei mais ou menos como um espelho, essa engenhoca que é necessária de vez em quando para nos fazer lembrar quem somos e o que podemos e, assim, novamente nos re-conhecemos. Um espelho que nos mostra que o outro, no fundo, é a gente mesmo. Matreiramente, fiz a moça pensar que eu a orientava, enquanto era por ela orientado. Ela, sentindo-se orientada, bem me orientou. Eu, me fazendo passar por orientador, também me orientei.

Final da história: a moça defendeu sua dissertação, a dissertação virou livro e o livro vai virar a cabeça de muita gente. Um livro que fala de histórias e de contação de histórias; um livro que, no dizer da moça, pode contribuir para um mundo mais feliz. Ganhou a moça, ganhei eu, ganhou a Universidade, ganharam os leitores.

Jocimar Daolio